

1.3. *Uma família segundo o Evangelho*

A família crente que, como igreja doméstica, quer viver à escuta da Palavra de Deus, terá de abrir-se, portanto, às exigências do Reino de Deus. Com humildade e assombro descobrirá então que, como a Igreja universal, necessita sempre uma contínua evangelização e purificação para avançar continuamente pela senda da penitência e da renovação, como reconheceu o Concílio (LG 8).

A família cristã necessita *a conversão*, essa “mudança radical do homem e do universo, de tudo o que forma o tecido da existência humana, sob a influência da Boa Nova de Jesus Cristo”⁴³.

Esta mudança, contudo, não pode reduzir-se a uma diminuição quantitativa do mal. Para sermos muito concretos, a família não se deixa converter pelo Evangelho só porque perca menos a missa nalgum domingo nas suas saídas para o campo. Não se converte só por esbanjar um pouco menos com o aniversário de um dos filhos ou por buscar uma “ajuda” menos alta para conseguir o êxito num concurso. Não é questão de quantidade, mas de qualidade, de mudança de valores. Mas continuemos a dar exemplos, os únicos exemplos que se enquadram neste contexto:

Nuovo Testamento, Roma, 1976, 27.47; R. Marimon Batlo: *La prioridad conyugal en la familia según la Sagrada Escritura*, em *Naturaleza y Gracia*, 28 (1981) 427-447; S. Guijarro: *Fidelidades en conflicto. La ruptura con la familia por causa del discipulado y de la misión en la tradición sinóptica*, Salamanca, 1998.

⁴³ João Paulo II: *Catechesi tradendae* (16 Out. 1979), 52; cf. J. M. Castilo, *La familia y el Evangelio*, em *Proyección*, 28 (1981) 35-48.

- numa sociedade que sobrevaloriza a capacidade aquisitiva, o lucro e o consumo, o ter e o esbanjar, a família cristã terá de perguntar-se se a sua fé a levou a aprender a partilhar com os necessitados, a viver à busca do essencial, a valorizar o *ser* sobre o *ter*;
- numa sociedade que glorifica a agressividade na política como nos negócios, e que parece convencida de que aquele que bate primeiro é o que melhor bate, a família cristã deverá perguntar-se até que ponto sabe aproximar-se dos agredidos e está a educar para a não-violência activa e comprometida;
- numa sociedade que trabalha para folgar e que busca a diversão por si mesma, que faz do prazer o valor máximo e da dor uma maldição, a família cristã terá de perguntar-se se está disposta a enxugar alguma lágrima e se sabe aprender os caminhos e as lições da cruz de cada dia;
- numa sociedade que anseia pela fartura e pela satisfação, a instalação e a acomodação, a família cristã deverá perguntar-se onde encontrar o rosto do faminto e do sedento e como manter-se ela mesma na busca e no inconformismo dos insatisfeitos e dos inquietos;
- numa sociedade que se evade das necessidades alheias e que busca mil desculpas para se desinteressar do lamento dos homens, a família cristã terá de perguntar-se quem precisa da sua mão compassiva e de aprender a fazer-se próxima dos homens caídos à beira do caminho;

- numa sociedade que institucionaliza a mentira e o fingimento, que oculta as suas intenções e diviniza a propaganda, a família cristã deverá perguntar-se porquê nos faz livres a verdade e aprender a cristalinidade dos que vivem em contínua abertura de coração;
- numa sociedade que converte a guerra no máximo negócio e a discórdia no único modo de auto-afirmação, a família cristã terá de perguntar-se como pode ser um espaço para a reconciliação e uma escola onde se formam os sonhadores da concórdia e os lutadores pela paz;
- numa sociedade que condecora os arrivistas e converte a tolerância em vantagismo enquanto vende os ideais e as promessas ao melhor licitador, a família cristã deverá perguntar-se pelo sentido da fidelidade ao compromisso e educar homens tenazes e invendáveis, firmes até à perseguição.

Se ao fazermos a contagem resulta que são oito os exemplos, entender-se-á que a coincidência com as bem-aventuranças proclamadas por Jesus (Mt 5, 1-12) foi intencional. Uma família, como uma Igreja, que se pretende evangelizada, terá de rever a sua vida à luz destes valores. Uma família, como qualquer outra instituição eclesial, não pode eximir-se a contrastar a sua vida com estes valores com os quais Jesus se identifica, com estas palavras com as quais Jesus se apresentava a si mesmo:

“Esta vida familiar a partir da fé é a melhor pregação do Evangelho. E quando falamos de vida familiar a partir da fé, queremos dizer uma vida orientada e animada

teologicamente, uma vida de seguimento do Jesus em quem se crê, que procura encarnar os valores evangélicos do desprendimento, do serviço mútuo, do amor afectivo, da fortaleza de ânimo, da fraternidade com todos os homens e que se propõe como ideais os ideais de vida contidos nas bem-aventuranças”⁴⁴.

2. A FAMÍLIA, COMUNIDADE EVANGELIZADORA

A fé é como a água. Quando desce da montanha, em saltos de torrente, deixa atrás de si música e espuma, flores e canção. Quando fica parada nas represas, produz gérmes de morte e fetidez. Toda a Igreja se há-de pensar e colocar em estado de missão. A fé que se não transmite corrompe-se, porque nas coisas do espírito só se tem de verdade aquilo que se entrega: como a esperança ou o amor, como a alegria ou a fé.

A pequena igreja familiar vive a sua vocação profética na escuta da palavra do Senhor, mas também na proclamação dessa mensagem. Nisso segue o seu Mestre, que afirma: “Também às outras cidades tenho de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, porque para isso fui enviado” (Lc 4, 43). Nisso segue os homens e mulheres que ao longo da história nos transmitiram a palavra que escutaram e que, como Paulo, podem exclaimar: “Pregar o Evangelho não é para mim nenhum motivo de glória; é antes um dever que me incumbe. E ai de mim se não pregar o Evangelho!” (1 Cor 9, 16).

⁴⁴ J. de D. Martín Velasco: *La familia, lugar de conversión y evangelización*, em *Familia creyente y mundo actual*, Madrid, 1982, 143.